



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**Elizandra Andresa de Lima**

**Segunda Guerra em “O Pequeno Príncipe” (1943):  
Uma breve apresentação**

**GUARABIRA-PB  
2018**

**Elizandra Andresa de Lima**

**Segunda Guerra em: “O Pequeno Príncipe” (1943):  
Uma breve apresentação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.  
Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA-PB  
2018**

ELIZANDRA ANDRESA DE LIMA

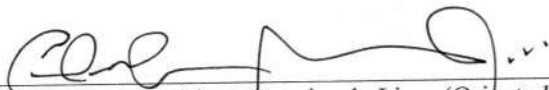
SEGUNDA GUERRA EM "O PEQUENO PRINCIPE" (1942):  
UMA BREVE APRESENTAÇÃO

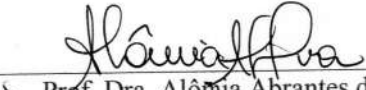
Artigo apresentado ao Programa de Graduação  
em História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Graduação em História.


Área de concentração: Historiografia,  
Literatura e Mídia.

Aprovada em: 06/12/2018

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732s Lima, Elizandra Andresa de.  
Segunda Guerra Mundial em "O Pequeno Príncipe" (1943)  
[manuscrito] : uma breve representação / Elizandra Andresa de  
Lima. - 2018.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima ,  
Departamento de História - CH."  
1. Segunda Guerra. 2. Saint Exupéry. 3. Pequeno príncipe  
. I. Título

21. ed. CDD 909

As “pessoas grandes”, ou não, que fazem parte do meu pequeno  
asteroide, DEDICO;

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois somos todos residentes de “asteroides”: o mundo interno de nossas mentes. Quantas vezes na nossa vida adulta repetidamente fazemos nossas obrigações diárias e não aproveitamos pequenos gestos naturais, como o simples “pôr-do-sol”, e quando temos a chance desperdiçamos o momento. Guardo grandes momentos vividos em multi “universos de asteroides”, são familiares, professores e amigos que como no livro “O pequeno príncipe”, representam figuras importantes para meu aprendizado e que “criaram laços” durante este percurso.

Aos meus pais que são como a metáfora do “rei”. Me ensinam até hoje a ser “juiz” de mim mesma, o que não é uma tarefa fácil para ninguém. Os pais (em geral) se encaixam nesta metáfora, pois possuem experiências e reflexões para aconselhar seus filhos, quando estes crescem e seguem suas vidas os pais sentem-se solitários como o “rei” e a euforia transporece quando o “príncipezinho” visita, que somos nós. E agradeço as minhas irmãs.

Ao chegar em um outro universo, chamado universidade, me deparei com vários professores incríveis, mas em especial uma persona múltipla, sábia, com uma paciência de “piloto” e sabedoria de uma “raposa”, o Dr. Professor Carlos Adriano, a quem tive o prazer de conhecer e ser orientada neste trabalho. Ele tem a paciência de “piloto”, pois todo orientando é um “ser perdido e cheio de perguntas” e o “piloto” as responde educadamente.

Sua sabedoria é vasta, mas só transporece para os discentes por sábio posicionamento político próprio de sempre passar “a melhor aula possível” para seus ouvintes e em meio uma aula e outra ser autor de um bordão inesquecível: “NEUTRO SÓ SABÃO”. Sem dúvidas cativastes a atenção de todos e criastes laços nos que passaram e os que ainda virão.

Encontrei um “jardim”, não com “rosas iguais a mil outras rosas”, um jardim de flores diversas e únicas, cada qual com características próprias, encontra-se presentes: uma espécie de flor de Lótus, a amizade com esta flor é tranquila, alegre e muito próxima, uma pessoa que tive o prazer de estudar junto e que sempre nos vemos. Outra flor que encontrei

na mesma turma da universidade foi uma Rosa vermelha, sempre astuta e cheia de “piadas sem graça”, ora, só eu e a Rosa entendíamos este humor diferenciado.

De outras turmas há duas espécies uma delas a flor Dente-de-leão, uma pessoa especial, embora as vezes otimista de mais, mas que se tornou uma das amizades verdadeiras, daquelas que te diz o que poucos teria coragem de dizer, afinal o que esperar de uma espécie onde o significado vem do árabe “erva amarga”.

A outra é uma flor de Lis (lírio), uma pessoa encantadora, e muito decidida quando o assunto é estudos, as vezes tem umas manias, mas deve ser coisa de quem vem do signo de virgem, e assim como o significado da flor de Lis, muitas vezes é uma pessoa pura, mas todos sabemos que todo “anjo” tem seu “daemon”, a pessoa que sempre manda mensagem “E aí meu chapa?”.

Há amizades fora do campus, que como um Girassol ilumina nossa amizade, como o girassol que é uma flor que nascem poucos botões, é irreverente com tal espécie de flor, uma pessoa que, como as outras, é importante ter esse tipo de afeto.

Meu muito obrigado a todos que me apoiam e que sentem tamanho carinho por mim.

Vivi outrora aventuras: a criação das linhas postais, a dissidência saariana, a América do Sul... Mas a guerra não é uma verdadeira aventura, é só uma imitação de aventura. (SAINT-EXUPÉRY, 1942)



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
Segunda Guerra em “O pequeno príncipe” (1942): Uma breve apresentação.....	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
ABSTRACT.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

## Segunda Guerra em “O pequeno príncipe” (1943): Uma breve apresentação

Elizandra Andresa de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma leitura das representações na obra literária “O pequeno príncipe” (1943), do autor francês Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), fragmentos de experiências no período de Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e reflete acerca do contexto histórico a partir da sua obra literária de maior êxito editorial. Para tanto, dialogamos com outros autores do campo da historiografia, tais como: Hobsbawm, Martin Gilbert e Marc Bloch para contextualizar o período de publicação. Nossa chave de análise considera tal obra como *essencial* para contar algumas marcas do invisível sobre um dos grandes conflitos bélicos da história da humanidade contidas nas “chaves de interpretação” na obra “O pequeno príncipe”.

**Palavras-Chave:** Segunda Guerra. Saint-Exupéry. “O Pequeno Príncipe”.

### INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da obra literária “O pequeno príncipe” (1943) surgiu nas discussões sobre esta e por ela apresentar indícios da experiência de vida de autor e do contexto histórico do período de sua produção e primeira publicação. Seu autor, Antoine de Saint-Exupéry, era piloto e participou dos dois maiores conflitos bélicos do século XX. Detemo-nos para fins de análise na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Tal evento ocorre entre os países Alemanha, Japão e Itália que formaram o que é conhecido como *Eixo* contra Reino Unido, URSS e Estados Unidos, nomeados como *Aliados*, uma guerra de ideologias, ideais entre as grandes potências econômicas do período, que envolve diferentes espacialidades ao redor do planeta. O principal marco para o seu fim é a explosão de bombas atômicas no Japão em 1945.

Esta guerra foi um período que afetou milhares de pessoas de diversas formas. E a forma como Saint-Exupéry foi afetado é refletido em trechos do livro “O pequeno príncipe”, famoso por ter seu valor literário e reflexivo, mas que também contribui para o conhecimento histórico.

---

<sup>1</sup> Elizandra A. de Lima, aluna de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Email: elizandraandresa@gmail.com

Saint-Exupéry, um piloto francês (1900-1944), inclusive piloto em missões durante a guerra, autor de várias obras e incluindo “O pequeno príncipe”, que é brevemente apresentada neste trabalho. Destacamos o que justamente nos chamou a atenção: momentos do texto que ao nosso ver dialogam com o contexto do conflito da Segunda Guerra.

Ao identificarmos os trechos, contextualizamos e encontramos ligações com a guerra. Autores do campo da historiografia, tais como: Hobsbawm, Martin Gilbert e Marc Bloch, auxiliaram na compreensão do contexto histórico da obra “O pequeno príncipe” que, além de literário, é um dos livros mais vendidos por décadas com estimativas de 150 milhões de exemplares e traduções para mais de 200 idiomas ou dialetos<sup>2</sup>, é também uma fonte que conta uma experiência durante a Segunda Guerra Mundial.

E tanto a História quanto a Literatura são modos de explicar o presente, ambas são formas de apresentar/representar questões que são pertinentes aos homens/mulheres de sua época que as produzem e que podem ser utilizadas como fonte de pesquisa.

## **Segunda Guerra em “O pequeno príncipe” (1943): Uma breve apresentação**

No século XX, encontramos os efeitos da Segunda Guerra mundial (1939-1945) e as formas de produção de conhecimento sobre este marco na história da humanidade.

Alguns fatores, quase que “pequenos” para algumas pessoas, são momentos antes da chegada do nazismo ao poder alemão, então vamos citá-los brevemente para tentar entender algumas destas etapas: a princípio o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (nazista/nazi), criado em 1920 por Anton Drexler e Dietrich Eckart. Este último, após ouvir o desempenho de uma troca de ideias em um bar, de um cabo militar, propõe-se a ser mentor deste cabo militar por nome de Adolf Hitler.

Aproximadamente em 1924, o Partido Jovem com propósitos mais fixos e agora com Hitler como líder, tem sua primeira tentativa frustrada de golpe armado em uma cervejaria de Monique. Como resultado, houve a prisão de Hitler com pena de cinco anos, mas ele só

---

<sup>2</sup> Cf. “O Pequeno Príncipe’ é best-seller há mais de meio século”. Disponível no endereço eletrônico:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,o-pequeno-principe-e-best-seller-ha-mais-de-meio-seculo,1726633>. Acesso em 02 de nov. de 2018.

cumprir nove meses em regime fechado. Nesse tempo em cárcere ele analisa seu erro e percebe que o caminho para o poder não viria por um cano de uma arma.

O partido começa a visar as eleições de 1928, com discursos apocalípticos de que uma grande crise econômica viria para quebrar a Alemanha, porém não foi o bastante para convencer a população alemã, pois nesse momento uma crise não era a realidade atual, embora assim afirmasse a parte do parlamento alemão já ocupado por políticos do partido nazista. O início da extrema direita no poder começa um ano depois das eleições em 1929, que ocasionalmente vem a quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos da América causando um efeito dominó em muitos países, incluindo a Alemanha afundada em dívidas dos credores que cobravam os altos empréstimos, dessa forma as “preces” do Partido Nazista foram ouvidas.

Com alguns movimentos políticos, em 1933 o presidente de Weimar, Paul von Hindenburg (1847-1934) nomeia Adolf Hitler (1889-1945) como Chanceler. Neste ano com o falecimento do presidente ocorre um plebiscito, então é desta forma que Adolf Hitler se torna presidente da Alemanha com a maioria dos votos e a partir disto surge os vários eventos/manobras que ocasionaram no Terceiro Reich.

Fazendo uma breve contextualização do acontecimento desse conflito militar envolvendo as potências políticas e econômicas como: Reino Unido, Alemanha, Japão, União Soviética, Itália e Estados Unidos da América destacamos todos os envolvidos, as nações mais poderosas da época que se inicia em 1939 e chega ao final em 1945 com a queda da bomba atômica, no Japão. De um lado estavam os países “Aliados” (Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos, este último entrou na guerra em 1941) e do outro o “Eixo” (Alemanha, Itália e Japão), com suas ideologias políticas diversas que dividiu o mundo, conforme podemos observar:

Os Estados arrastados à guerra contra os três, capitalistas ou socialistas, não queriam o conflito e a maioria fez o que pôde para evita-lo. Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler (HOBSEAWM,1995, p.13)

Hitler difundiu a ideia de que a Alemanha havia sido derrotada na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) devido a traições internas e acusava os judeus de tais ações, potencializando o sentimento de revolta da população, ampliando uma vontade de “revanche”. Com sua conquista do poder político pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores

Alemães (1920), mais conhecido como Partido Nazista, que foi um partido político de extrema direita na Alemanha entre os anos de 1920 e 1945, esta inspiração de sentimentos revoltosos foi um dos primeiros passos para a realização de seus objetivos. O próximo passo, no plano externo, seria a tomada de novos territórios.

Vários são os pensamentos partir dos pontos de vista dos que estavam ali, em uma guerra, no meio do fogo cruzado, os que recebiam ordens de combate (seja aéreo, por terra ou pelo mar) no que sentiam ao entrarem numa cidade para abastecimento e ao sair da cidade vê-la ser invadida ou bombardeada, os que se escondiam em minúsculos cômodos com famílias inteiras, os que eram marcados para morrer. Todos esses têm um valor dentro dos registros históricos da época.

Há uma singularidade de sentimentos e experiências das pessoas que viveram nesta época conturbada do século XX e que trouxe acontecimentos tão marcantes para a história mundial, principalmente na grande guerra, fizeram com que muitos materiais fossem produzidos a partir destas singularidades. Podemos citar dois relatos bibliográficos:

- Marc Bloch (1866-1944) em “Estranha derrota” (1940): um proeminente historiador francês, que participou do conflito e relata em primeira pessoa, o caótico cotidiano da guerra e da responsabilidade da sociedade na vitória contra o nazismo. Reconhecido como um dos historiadores mais importantes do século XX: “Pertencemos a uma geração cheia de má consciência. Voltamos da última guerra (1914-1919), é bem verdade, bastante cansados” (BLOCH, 1940, p. 154).
- Na perspectiva juvenil, temos o relato de Anne Frank (1929-1945) em “Diário de Anne Frank” (1947). Uma jovem alemã judia que se tornou conhecida por causa de seu diário escrito durante o período da Segunda Guerra Mundial. Adolf Hitler chega ao poder em 1933 na Alemanha, neste momento Anne Frank tem quatro anos de idade e viveu com a perseguição ideológica de que judeus, homossexuais, ciganos e negros, eram a causa da crise econômica e vários outros infortunos que ocorreram na Alemanha. Por causa da insegurança e a família Frank era alvo do próprio governo, todos se mudam para os Países Baixos em 1933, mas anos depois em 1940 os Países Baixos são invadidos e ocupados. Neste momento Anne tem cerca de 15 anos e ganha um diário, por nome de “kit”, onde escreve sobre seu cotidiano e os mais de 24 meses em que passa escondida junto com sua família e alguns conhecidos. Tendo seu pai, Otto Frank, sido o único sobrevivente e quem publicou seu diário: “Há uma necessidade destrutiva nas pessoas, a necessidade de demonstrar fúria, de assassinar e matar. E até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma metamorfose, as guerras continuarão a ser declaradas, e tudo que

foi cuidadosamente construído, cultivado e criado será cortado e destruído, só para começar outra vez” (FRANK, 1947, p.29)

Embora sejam relatos de pessoas diferentes, em que há uma multiplicidade de características presentes em cada obra citada, há um sentimento/desejo comum entre eles: que a guerra acabe, pois guerra traz consigo um sinônimo que não aparece nos dicionários, mas que todos eles sentiram que é a perda, a perda de pessoas que amavam, do que conhecia ser bombardeado.

Todas são obras que narram vidas durante tal período, seja feita por um historiador ou por uma jovem estudante, elas dão ao leitor outro olhar sobre a Segunda Guerra. Além destas citadas no breve contexto sobre as experiências vividas destas pessoas, a que mais nos chamou a atenção foi a experiência de Antoine Saint-Exupéry, um piloto aéreo francês, que destacou os acontecimentos em sua obra “O pequeno príncipe” (1943), que será objeto de análise deste trabalho. Para tanto, apresentaremos de forma sucinta o autor.

Antoine Saint-Exupéry, nasceu em Lyon em 29 de junho de 1900, tornou-se piloto e escritor, sendo saudado como “poeta da aviação”, já que sua matéria-prima para a produção literária decorre de seu trabalho de piloto militar e civil. Saint-Exupéry viveu os primórdios da aviação, trabalhou para a empresa de correio aéreo <sup>3</sup>Latécoère, e teve sucesso pela audácia de pilotar máquinas voadoras, hoje consideradas primitivas.

Em sua época não existiam recursos informativos e tecnológicos para voar sobre montanhas, desertos e florestas virgens. A partir dessa informação nota-se o grau de dificuldade de voar numa aeronave deste período com poucos instrumentos de orientação como o rádio goniômetro, que serve para orientá-lo na direção e localização, ou seja, ser piloto em anos de guerra 1939-45 era considerada uma missão suicida. Ele foi, sem dúvida, um dos conhecidos como “cavaleiros do céu”. Curiosamente trabalhou na Air France não como piloto, mas como garoto propaganda, ou melhor, “escritor propaganda”.

Escreveu diversas obras, sempre caracterizadas por elementos de aviação e de guerra, entre elas: "O Aviador" (1926), "Voo Noturno" (1931), "Terra dos Homens" (1939), "Carta a um Refém" (1944) “Piloto de guerra” (1942). E mais dois livros “O pequeno príncipe” (1943), em vida, e “Cidadela” (1948), este último é um conjunto de escritos de Saint-Exupéry como pensamentos e meditações de sua vida, publicados postumamente.

---

<sup>3</sup> Latécoère empresa criada por Pierre Georges Latécoère em setembro de 1918. Empresa que em 1926 passou a se chamar “Compagnie Générale Aéropostale” e que finalmente, em 1933, foi absorvida pela recém criada Air France.

Outro momento de destaque de Saint-Exupéry, famoso como escritor no ano de 1940, foi quando recebeu o convite por seus editores nos Estados Unidos a receber em Nova York o National Book Award pelo livro “Terra dos homens” (1939), no qual o autor aproveita seu reconhecimento para conseguir o apoio do governo americano levando-o a entrar na guerra e salvar seu país.

Com a ocupação da França pelas tropas alemãs em 1940, Saint-Exupéry alistou-se, pondo um fim definitivamente a carreira de piloto civil. Ele passou a pilotar aviões militares e foi designado para o grupo de reconhecimento aéreo 2/33 em um modelo de avião P-38 Lightning, no qual cumpriria missões de observação. Suas missões serviram de inspiração para mais uma de suas obras, *Piloto de Guerra* (1942), publicado em Nova York.

Vivi outrora aventuras: a criação das linhas postais, a dissidência saariana, a América do Sul”. Mas a guerra não é uma verdadeira aventura, é só uma imitação de aventura. [...] A guerra é uma doença. (SAINT-EXUPÉRY, 1942, p.68)

Sua última missão como piloto do grupo 2/33 foi recolher informações sobre a movimentação de tropas alemãs em torno do Vale do Ródano antes da invasão aliada do sul da França, em termos militares “uma missão de reconhecimento”. Ele morreu nesta missão, no dia 31 de julho de 1944. Seu corpo nunca foi encontrado, porém os destroços do seu avião P-38 foram localizados em 2002, quase sessenta anos mais tarde, no mar Mediterrâneo.

De todas as obras de Antoine Saint-Exupéry, “O pequeno príncipe” (*Le Petit Prince*) é a mais famosa, por ser uma obra que é uma das mais traduzidas no mundo, conforme já expusemos. A primeira edição traduzida para o português brasileiro (francês para português) data de 1952/1954, foi feita por um monge beneditino chamado Marcos Barbosa, membro da Academia Brasileira de Letras. É também um dos livros mais vendidos por décadas. Além de estarem presentes as experiências vividas do autor, no enredo encontramos as aquarelas pintadas pelo mesmo que diz muito sobre o que autor vivenciou. Outro ponto é o infortúnio de seu desaparecimento coincidir com a história de sua última obra, cujo narrador é também um piloto que auxiliou na constituição da relação entre autor e personagem narrador.

Com o passar dos anos a obra ultrapassou as expectativas em vários aspectos, como o rótulo de livro para crianças tida como categoria depreciativa ao texto. Esta obra permeia as várias categorias literárias, características de fábula, narrativa fantástica, ficção histórica, entre outros. Ultrapassando idades, o enredo se encaixa em diversos momentos da vida humana: facilmente um leitor adulto pode se identificar com a personagem do

“Príncipezinho” (o qual apresenta ser muito solitário e enfrenta diversos problemas emocionais), por exemplo, ou qualquer outro personagem presente na narrativa da obra.

Há uma sensibilidade imensa em cada personagem, todos cheios de significados, tais como: o Piloto, a Rosa, a Serpente, o Rei, o Bêbado, o Homem de negócios, o Acendedor de lâmpadas, o Geógrafo, o Astrônomo, o Vaidoso e o titular do livro o Pequeno Príncipe. De qualquer forma, quem se torna leitor do “O Pequeno Príncipe”, todas as vezes que o ler acabará se identificando com algum destas personas: uma vez o piloto desencorajado/perdido ou numa segunda leitura com o (a) raposa sábia; pois a obra inteira é uma grande reflexão existencial (para nós, “pessoas grandes”), onde todas as (os) personagens trazem consigo características diversas, trazendo em seus capítulos que abordam nossas dualidades de momentos/fases humanas como sociedade/individuo, amigo/inimigo, vida/morte, medos/desejos, os eternos paradoxos existenciais.

Contudo este trabalho busca apresentar os elementos do contexto histórico, que, como já foi dito anteriormente, estão presentes no “O Pequeno Príncipe”, escrito no fim da Segunda Guerra Mundial e que traz consigo experiências vividas pelo autor (Saint-Exupéry), indivíduo que durante a narrativa da história se funde aos personagens como o “príncipezinho” e o “o piloto”. Uma obra cheia de indícios destes anos 1939-44 e do que o autor vivenciou.

Em certa ocasião Antoine sobrevoou o deserto do Saara, no ano de 1936, quando ocorreu uma pane no motor de seu avião que acabou caindo. Após isso o piloto passou cerca de quatro dias sofrendo de desidratação, alucinações e fome até ser resgatado por um beduíno, um andarilho das regiões desérticas da África.

Veremos a seguir as experiências de Antoine de Saint-Exupéry durante a guerra, depois exilado, presentes em trechos da obra “O Pequeno Príncipe”, que serão citados. A começar, então pelo título, que se indica ser alguém da nobreza, pois bem, o escritor tem um nome longuíssimo: Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe e tinha um título de nobreza que lhe conferia o status de Conde de Saint-Exupéry.

Por isso há trechos em que o narrador/autor se funde a este personagem, o “Príncipezinho”, como uma espécie de criança de Antoine. Um homem que, quando criança desenhava, e fora desencorajado pelas pessoas grandes. “Quando encontrava uma que me parecia um pouco esclarecida, fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo.” Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente, mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu.” (Saint-Exupéry, 2009, p.09)



Outro dos muitos indícios que contam momentos/ sentimentos referentes a esta época em que o mundo estava em guerra pela segunda vez, é a dedicatória que Exupéry escreve para o seu grande amigo:

A Léon Werth

Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande. Tenho um bom motivo: essa pessoa grande é o melhor amigo que possuo. Tenho um outro motivo: essa pessoa grande é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de crianças. Tenho ainda um terceiro motivo: essa pessoa grande mora na França e ela tem fome e frio. Ela de consolo. Se todos esses motivos não bastam, eu dedico então este livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças- mas poucas se lembram disso. Corrijo, portanto, a dedicatória: A Léon Werth Quando ele era criança (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 05)

Léon Werth era uma pessoa com um vasto conhecimento que perpassa no campo das artes enquanto crítico, do jornalismo, um grande escritor, romancista. Nasceu na cidade de Remiremont, na França, em 17 de fevereiro de 1878 e morreu em Paris em 13 de dezembro de 1955. Entretanto outros qualificadores podem servir melhor para entender sua vida e trabalho: libertário, antimilitarista, poeta, autor de obras como “33 Day: A memoir”, “Deposition 1940-1944: A secret diary of life in Vichy France” entre outras e observador, amigo do pintor Maurice de Vlaminck, Octave Mirbeau e Antoine de Saint-Exupéry. Saint-Exupéry conheceu Werth em 1931 e logo se tornou um amigo. Werth não tinha muito em comum com Exupéry, pois ele era um anarquista e seu pai era judeu, Werth tem um posicionamento contrário ao hegemônico período de guerra ao qual estavam passando.

Sendo 22 anos mais velho que Saint-Exupéry e tendo um estilo de escrita surrealista, publicou várias obras, algumas citadas anteriormente. Saint-Exupéry dedicou dois livros para ele: “Carta a um refém” e o “Pequeno Príncipe”, e se referiu a Werth em mais três. A dedicação no prefácio do “Pequeno príncipe” é considerada uma das melhores dedicações já escritas. Durante o início da Segunda Guerra Mundial, ao escrever esta obra, Antoine morava em um apartamento no centro de Nova York, pensando na França e seus amigos. Léon Werth passou a guerra em Saint-Amour, sua aldeia no Jura, uma região montanhosa perto da Suíça, onde estava sozinho com “fome e frio”. Saint-Exupéry retornou à Europa no início de 1943.

O tempo em que Antoine passou exilado nos Estados Unidos durante o período de guerra, é explícito em alguns trechos do livro, expressando saudades de sua terra e de seus amigos:

De fato. Quando é meio meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, está se pondo na França. Bastaria poder ir à França num minuto para assistir ao pôr do sol. Infelizmente, a França é longe demais. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 25)

Pensar nas chaves das simbologias presentes na obra de Exupéry traz-nos a ânsia de realmente reler o “Pequeno príncipe” com mais atenção, pois quando nos deparamos com ele a primeira vez não notamos os detalhes, com isso o livro se torna uma das mais lindas obras de resistência, pois nenhuma virgula foi posta sem que Antoine pensasse minuciosamente. Detalhes como a dedicatória, os animais citados, “o Homem de negócios”, os baobás tem uma relação com as vivências do autor. Nem os asteroides são fictícios, pois além da numeração eles tem nomes, como o asteroide 612 por nome de Veronika, o asteroide 325, Heidelberga, o asteroide 326, Tamara, o asteroide 327, Columbia, o asteroide 328, Gudrun, o asteroide 329, Svea e o asteroide 330, Adalberto.

Só um, o B612, é fictício e possivelmente tem inspiração na terra natal de sua esposa Consuelo. A cidade, chamada Armenia em El Salvador, um país localizado na América Central, também é o local onde a conheceu. Armenia, assim como no asteroide (da obra), possui três vulcões, dois ativos (Izalco e Santa Ana) e um inativo (Cerro Verde): “Reolveu cuidadosamente seus vulcões. Ele possuía dois vulcões em atividade. (...) Possuía também um vulcão extinto.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 32)

Nas narrativas do “Pequeno príncipe”, o carneiro aparece explicitamente como uma solução de um grande problema possível, para o planeta do príncipezinho. E implicitamente, os que foram capturados para morrer nos campos de concentração, os doentes, os velhos e crianças, a maioria de religiosidade judia, mas sabemos que os “marcados para morrer” era todo aquele que não nascera um “alemão puro”, negros, ciganos, toda uma população que não condizia num “sangue puro”. Por isso, também aparece nos trechos da obra de Exupéry um outro animal, o bode: “(...) – Bem vêes que isso não é um carneiro. É um bode... Olha os chifres...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 12)

Podemos perceber que o carneiro “perfeito” para o príncipezinho, aparece dentro de uma caixa, preso, semelhante aos que sofreram as tragédias causadas pela guerra, uma forma subliminar de lembrar o que aconteceu aqueles que morreram tragicamente em lugares fechados, em atentados ou em câmaras de gases nos campos de concentração, como diz Martin Gilbert em *Segunda Guerra (1989)* “Por trás das linhas, as atrocidades continuavam. Em Bedzin, em 8 de setembro, centenas de judeus foram levados para uma sinagoga que foi incendiada.”

O elefante aparece com sua imponência, sendo um dos animais majestosos que nos deslumbram por seu tamanho e por sua força, e para além da simbologia particular que o elefante traz, no oriente este animal também foi usado como uma ferramenta de guerra na Antiguidade (Oriente Médio), no local em que atualmente são os países da Síria, Iraque e Turquia. Os elefantes deste período eram treinados, vestiam algumas armaduras, transportavam pequenas cabines contendo arqueiros ou lanceiros, que tinha o propósito de avançar no território inimigo, pisando-os e quebrando as formas de defesa, provocando um imenso terror no exército a ser combatido.

O elefante é citado nos trechos da obra “Pequeno príncipe” durante uma das conversas com o piloto, que explicou ao príncipe que baobás não são arbustos, pelo contrário são grandes e para derrubá-los seria preciso uma manda de elefantes. “E que, mesmo que levasse consigo toda uma manada de elefantes, eles não chegariam a destruir um único baobá.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 20).

Relembremos: no século XX, qual instrumento de guerra teria uma semelhança com o elefante do Oriente Médio? Os tanques de guerra, eles surgiram na Inglaterra por volta de 1916, já dizia Hobsbawm: “Os britânicos foram pioneiros nos veículos blindados de esteiras, ainda conhecidos pelo codinome de tanques, mas seus generais, não muito brilhantes, ainda não havia descoberto como usá-los”.

Então, eram considerados protótipos com relação as “melhorias” que feitas anos depois na Segunda Guerra, a exemplos de tanques dos anos de 1939-1945. O dos Aliados por exemplo, o soviético T-34 (criado entre 1934-40) foi construído para superar os modelos alemães Panzer I e Panzer II. Panzer é uma abreviação da língua alemã para Panzerkampfwagen (veículo blindado de combate). Com o passar dos dias/meses de guerra, as máquinas alemãs criaram os Tigers: máquinas cada vez mais avançadas, com maior alcance nos tiros de canhões, mais resistências e capazes de comportar mais soldados.

Os tanques eram crucias para a penetração em territórios de ambos os lados, pois estes tinham (e ainda tem) o mesmo efeito aterrorizante e a imponência de um elefante de guerra do período de glória do Oriente Médio.

Prosseguindo com a próxima chave de interpretação, passamos para os baobás. Eles aparecem na obra como uma plantinha, de início não identificada como baobá, porém que pode destruir qualquer planeta, pois suas raízes são profundas e extensas. O relato do “príncipezinho” sobre um planeta vizinho que fora destruído por três grandes baobás, nos remete aos três países pertencentes a aliança do Eixo: a Alemanha, a Itália e o Japão. Estes três grandes países, que como os baobás são extensos, também foram grandiosos para a época

de guerra e por pouco não conquistaram todo o nosso planeta: “Mas, quando se trata de baobás, é sempre uma catástrofe. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele havia deixado que ali crescessem três arbustos...” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 22)

Não estará no trecho uma das metáforas de Antoine no Pequeno príncipe sobre o grande caos vivenciado pela população mundial nos anos mais expressivos da Segunda Guerra Mundial (1940-45)? Pois nestes cinco anos os “Baobás” (o Eixo), erroneamente, a princípio subestimados como arbustos, se expandiram. E pelo o que muitos historiadores dizem “cenários de guerra”, e na Segunda Guerra Mundial houve três: um pelos países da Europa, outro no Pacífico (uma guerra também marítima) e uma aérea.

No primeiro “cenário de guerra” pela Europa, a Alemanha e seus aliados invadem a Polônia (1939) causando uma “guerra relâmpago” (Blitzkrieg). A resistência da Polônia era frágil e este país teve o azar de ser o “caminho” para uma grande quantidade de petróleo, que na época ficava na URSS. Neste momento ter características como ser polonês ou polonês judeu era terrível para a existência dos habitantes da Polônia, literalmente no fogo cruzado: “(...) enquanto os aviões de combate metralhavam os refugiados civis que procuravam fugir dos soldados invasores, lançados ao caos nas estradas e impedindo o avanço da defesa polonesa. A Blitzkrieg, veio inicialmente do céu, depois chegou por terra.” (GILBERT, 1989, p. 8)

Sobre o teatro de operações Europeu com a ocupação da França em 1940 (que também usou da “blitzkrieg” como tática), ela passou a ser colaboradora do nazismo. Neste momento a França foi dividida em duas partes, a França de Vichy (a colaboradora) e a resistência que se localizava ao sul da França liderado por Charle de Gaulle. É neste mesmo período em que nosso autor do “O Pequeno Príncipe” foi exilado para os EUA, pois o Antoine fazia parte da França resistente, e criou esta grande obra, que também é de resistência contra um dos períodos caóticos em que vários países se envolveram.

No cenário aéreo do século XX, e principalmente na Segunda Guerra, a invenção do avião trouxe várias outras possibilidades estratégicas de guerrilha, que variam desde a missão de reconhecimento até a propaganda, em entrega de panfletos: “No fundo do projétil era colocado um rolo de panfletos que era expulso ainda em voo através de uma pequena carga explosiva. Após isso, se abria o rolo de panfletos que se espalhavam enquanto caíam.” (SCHURSTER, 2013, p.15)

Um terceiro cenário ocorreu do outro lado do mundo, no oriente, mais precisamente no Japão, após assinar o pacto com o grupo dos países o Eixo. O Japão entra na guerra em 1941 após atacar a base naval americana de Pearl Harbor. Em suas batalhas o Japão contou

com topas dos países da Austrália e Nova Zelândia, conseguindo vitórias rápidas em alguns estados asiáticos e mantendo o controle em partes importantes da China, o que passou mais esperança a nação japonesa de que conseguiria vencer a guerra.

No entanto este sentimento de vitória muda a partir de uma derrota em 1942, durante uma batalha marítima entre a marinha imperial japonesa e a marinha americana, nas ilhas Midway. Estrategicamente era um ponto importante para o Japão e ter perdido a batalha ocasionou na interrupção nas rotas de abastecimento de suprimentos. Nos últimos anos da guerra a situação japonesa se agravava cada vez mais com suas defesas marítimas enfraquecidas afetando o abastecimento do Japão.

O fim deste último cenário vem com o lançamento americano das bombas atômicas entre os dias 6 e 9 de agosto de 1945 nas cidades de Hiroshima e Nagasake. O que nos faz perceber que não é em vão a “chave” de interpretação dos três Baobás de Saint-Exupéry no quanto se tornou, durante esses anos de guerra, uma “catástrofe” e que se é, infelizmente, os danos desses anos sombrios que ultrapassaram o século e ainda se sentem os efeitos.

## CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto consideramos que “O Pequeno Príncipe” nos leva a refletir como uma produção artística literária traz consigo tantos momentos cuja chave de interpretação possibilita um diálogo com a vida pessoal do autor. Recorrendo às metáforas recorrentes no texto que dialogam com as pessoas grandes e pequenas em seus repertórios de conhecimentos diferentes. A possibilidade de falar sobre um momento conturbado em que o mundo inteiro está envolvido em uma guerra e poder falar de como se sente, um piloto exilado, patriota e cidadão parisiense longe de seus entes queridos.

Neste trabalho que tem como intuito apresentar uma breve análise dos elementos simbólicos que dialogam com o momento de sua produção, percebemos que tal enredo com um misto de fábula/conto é também uma narrativa sobre as guerras e despedida. O que contribuiu muito para a escolha desse tema como produção para conclusão de curso, inspirada em uma aula de História Contemporânea, que quebrou a ilusória sensação dos presentes discentes do curso de História mostrando que “O Pequeno Príncipe” tem sua contribuição para o campo da área, mais especificamente ao que se refere a Segunda Guerra Mundial, e motivando nossa pesquisa.

Observar, a partir do ponto de vista de um piloto aéreo, um dos momentos mais crítico dos acontecimentos durante uma Grande Guerra, sobre uma França dividida em colaboracionistas do nazismo e outra parte da população contrária a invasão sendo reduzida consideravelmente. Vivenciar o exílio dos que discordam e combatem a ascensão do Nazismo, longe das pessoas queridas, amigos ameaçados por serem judeus. Compreender o quanto a percepção de Saint-Exupéry de que o mundo estava sendo tomado é expresso por trechos de seu livro e principalmente por suas aquarelas presentes no mesmo. Enfim, todas as particularidades presentes no livro e suas interpretações, levam-nos a sugerir às pesquisas futuras que elas analisem o que ultrapassa o escopo do presente texto.

A obra de Saint-Exupéry nos faz refletir o quanto nos importamos tanto com números, dados estatísticos e explicações em excesso, sendo isso um “mal” das “pessoas grandes” e, de certa forma (particularmente) uma crítica para o excesso de dados sem a devida reflexão. O jeito como o autor elabora personagens e recorre as palavras “cativa” o leitor. “E o mais árduo e difícil é ser “juiz”, julgar algo ou a si mesmo, Saint-Exupéry já nos mostra que não é fácil: “–Tu julgarás a ti mesmo – respondeu-lhe o rei. – É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros. Se consegues fazer um bom julgamento de ti, és um verdadeiro sábio” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 39).

Também nos mostra o quanto desejamos voltar a ver o mundo com os mesmos olhos de uma criança, o quão singular e simples as situações são vistas por uma criança em comparação ao caos visto de uma “pessoa grande”: “–Esta é a caixa. O carneiro que queres está aí dentro. E fiquei surpreso ao ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.12).

Com esta breve apresentação da Segunda Guerra Mundial em “O Pequeno Príncipe”, esperamos instigar novos leitores, novos pesquisadores a produzir mais material em pesquisas em que não se é escasso a exemplo: como era a situação trágica dos civis poloneses, literalmente no fogo cruzado entre a Alemanha e a URSS? Ou a mesma Guerra lutada do outro lado do mundo, no oceano pacífico?

Sabemos que não dá para abranger/responder todas as perguntas, seja pelo tempo cronológico diário ou no “recorte” do seu tema. Existem muitas formas possíveis de interpretar “O Pequeno Príncipe”, um autor/narrador que vive um contexto de guerra, em relação ao seu lugar de produção, porém queremos alcançar nosso intuito de auxiliar no debate e, se possível, estimular a ampliação do mesmo no campo do conhecimento histórico.

## ABSTRACT

This article presents a reading of the representations in the literary work “The Little Prince” (1943), by the French author Antoine Saint-Exupéry (1900-1944), fragments of experiences in the period of World War II (1939-1945), and reflect on the context from his most successful literary work. Therefore, we dialogue with other authors to contextualize the publication period. Our analysis key considers this work as essential to count some marks of the invisible one of the great warlike conflicts in the history of mankind.

**Keywords:** World War II, Saint-Exupéry, “The Little Prince”.

## REFERÊNCIAS

- BLOCH; Marc. “A Estranha Derrota.” Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. (167p.)
- CIRCLE, Hitler’s of Evil. Direção: Ashley Morris, Chris Roberts, Guy Smit, Matthew Hinchcliffe, Simon Deely, Vicky Mattheuls: 2018; distribuidora: Netflix.
- DORATIOTO. Vanelli – Alcova Moderna. 12 curiosidades que você não sabia sobre o Pequeno Príncipe. Disponível em: < <https://www.contioutra.com/12-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-o-pequeno-principe/>> Acesso em: 12 de agosto de 2018.
- FRANK, Anne – Diário de Anne Frank – Definitiva. Outubro/livros do Brasil, 2005.
- GILBERT, Martin. A Segunda Mundial: os 2.174 dia que mudaram o mundo / Martin Gilbert; tradução Ana Luísa Faria, Miguel Serras Pereira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- HOBSBAWN, Eric J. “Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RAMALHO, S.A. (2001). Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- REICH, W. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- SAINT-EXUPÉRY; Antoine de, “O Pequeno Príncipe,” 1942. Ed. –Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SAINT-EXUPÉRY; Antoine de, “Piloto de Guerra,” 1942. Ed. Penguin Clássicos–Rio de Janeiro: 2015.
- SCHURSTER, Karl, “Flugblätter e a propaganda alemã durante a Segunda Guerra: um estudo teórico sobre a aplicabilidade de um conceito.” 2013
- SPIEGELMAN, Art. Maus – A história de um sobrevivente. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1980.
- MIRANDA, André. Ícone pop, lido em 280 idiomas, o Pequeno Príncipe é celebrado em novas edições e filme. Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/cultura/icone-pop-lido-em-280-idiommas-pequeno-principe-celebrado-em-novas-edicoes-filme-16717363>> Acesso em: 12 de agosto de 2018.
- O pequeno príncipe. Disponível em:  
<<http://www.miniweb.com.br/Literatura/Artigos/exupery.html>> Acesso em: 08 de agosto de 2018.
- Traduzindo o Pequeno Príncipe. Disponível em:  
<<https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1405-traduzindo-o-pequeno-pr%C3%ADncipe.html>> Acesso em: 09 de agosto de 2018.